

Summary

The abduction of the metaphor

The author discusses uses of symbols and signs, metaphors, concreteness in psychoanalytical clinic and human communication, in states beyond representability, and, within that, circumscribes the condition of the metaphor.

Key words

Borderline. Body. Emotional experience. Language. Metaphor. Representation. Symbolization. Somatization.

Biotecnologias, bioidéias e o fazer-pensar psicanálise

Valeria Gimenes Loureiro*

*E como vai a vida que não é eterna?
Houve a claridade Houve o enigma
E então foi feito*

*Houve o enigma. Houve a claridade
Ser veio a ser isto
Houve o enigma houve a claridade
E então se fez a terra no centro da mesa
Quem senão será a força dos fracos?
Michel Deguy. Movimento de mundo...*

Como preliminar, proponho a inscrição desses versos na memória do leitor – que permaneçam no fundo de sua mente enquanto enfrenta as linhas que se seguirão mais adiante. A poesia de Deguy tem marcada entonação filosófica, notável menos pelo uso de conceitos ou de raciocínios analíticos do que pelo pulso ordenador destinado a fazer da imagem o elemento de articulação do sentido e da experiência. A escolha desses versos foi calcada, sobretudo, no *estranhamento* que sua força questionadora impõe ao leitor, na medida em que nos força a buscar o sentido através de nossas próprias peculiaridades.

Ao procurar pelo significado desses versos, de imediato fui levada a devanear, em busca de pontos e contrapontos... Será *entre* enigma e claridade – *entre* dúvida e conhecimento – que acontecem a idéia de *Mundo* e a idéia de *Ser-no-Mundo*? Se do contraste entre claro e escuro é composta a imagem, quando a perspectiva for estática e singular, teremos *uma* visão de mundo? E quando a perspectiva for dinâmica e o entendimento plural, teremos uma *variedade* de visões de mundo – filosófica, científica, religiosa, política, ética e até poética? Dois modos de ver o mundo, de indagar sobre o mundo, simbólico e científico, por exemplo, não poderiam ser articulados em um só?... Nesse estado psíquico, semelhante a um sonhar em vigília, surgiu o desejo de buscar elementos e argumentos suficientes para tentar traçar um esboço das relações que biologia e psicanálise podem assumir no mundo presente.

Visão de mundo e biotecnologias

Freud (1933/1976) considerou a visão de mundo (*Weltanschauung*) “uma construção intelectual que solu-

ciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo” (p. 193).

Do ponto de vista psicanalítico, as visões de mundo são estruturas simbólicas que assumem papel importante como expressão de defesa contra a angústia do desamparo humano. As visões de mundo que construímos, assim como os paradigmas científicos que adotamos, são como sistemas de proposições envolvidos em nossas crenças (Haller, 1990, pp. 109-110). Elas conferem ordem ao caos e, ao estabelecer a condição para a criação de leis empíricas que regulam a realidade, possibilitam a produção de técnicas e instrumentos que alcancem fins determinados. Mas, apesar de sua racionalidade, elas também sofrem a influência de interesses econômicos e expressam as fantasias quanto à forma de organização ideal da sociedade e o modo de conseguir com que os indivíduos façam parte desses ideais.

Há aspectos da aplicação do conhecimento científico que extrapolam a competência das biotecnologias e que acabam por se tornar importantes feitos, temas *fetich*e, objeto de massiva divulgação e debates públicos. Tal é o caso da clonagem, das células-tronco, dos transgênicos, da nanotecnologia e dos novos conhecimentos neurocientíficos, acerca do funcionamento mental e do comportamento humano.

Ter em mente os dilemas éticos que as novas tecnologias fazem surgir não visa combatê-las. Na verdade, nossa existência já está marcada pelos seus avanços e não é possível evitá-las, mas é preciso continuamente ponderar sobre seu uso e suas conseqüências no ambiente humano.

Biotecnologias estão disponíveis no mercado e mais recentemente têm sido desdobradas em uma infinidade de conhecimentos aplicáveis e produtos que prometem dar conta da constituição e do sofrimento humanos através de suas bases neurobiológicas. Há desde drogas estimuladoras ou bloqueadoras de *neuroagentes* até uma crescente profusão de tecnologias de escrutínio e registro, como as técnicas de neuroimagem que explicitamente vendem a idéia de sua eficácia diagnóstica, baseadas em seu poder de resolução de imagem. Por que usá-las? Por que não usá-las?

* Candidata do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, mestre em Psicologia Clínica.

Plínio Montagna
Rua Gracindo de Sá, 71 – Jardim Paulistano
01443-080 – São Paulo – SP
Tel.: 11 3082-0416
plim@sbpsp.org.br

Que valor advém de seu uso? Que representações terão os problemas que extrapolam a competência das biotecnologias na investigação do funcionamento psíquico e no amparo do sofrimento próprio à condição humana?

Muito da divulgação científica dirigida ao *esclarecimento* do grande público acerca dos mecanismos de funcionamento mental acontece concomitantemente à notícia de que distúrbios podem ser diagnosticados com precisão pelo uso de novas tecnologias e tratados com eficácia através do emprego de novas drogas. As corporações farmacêuticas objetivamente fabricam remédios, porém, de forma menos evidente, produzem opiniões sobre as doenças. Não fazem isso forjando novas idéias no laboratório ou adulterando resultados de pesquisa, e sim financiando os projetos de especialistas e divulgando os resultados das pesquisas que têm maior afinidade com a logística de seus negócios. Não se trata de negar os avanços e benefícios conseguidos, mas de alertar que a *biologização* do comportamento e do psiquismo humano muito mais provavelmente é decorrente da força dos interesses econômicos do que da *verdade superior* dos conhecimentos em que se baseiam.

Chega a ser anedótica a observação da emergência de um padrão no campo atual da saúde mental: primeiro a descoberta da base neurobiológica de um determinado distúrbio e a divulgação de seus sinais diagnósticos; depois é descoberto o efeito de drogas sobre esse distúrbio ou sobre os *comportamentos-sintomas* expressivos do distúrbio; em seguida a incidência de diagnóstico do distúrbio aumenta significativamente. Isso é um fenômeno observável como fato mais recente quanto à depressão, ao transtorno do pânico, ao transtorno obsessivo-compulsivo, ao desvio de atenção e à fobia social. O assunto não é novidade, mas deveria preocupar a todos que têm consciência da gravidade de suas implicações.

A psicanálise tem por tradição pensar os problemas humanos procurando pela motivação e pelo significado do sofrimento ou do sintoma, não apenas explicitando a lógica causal dos processos mentais envolvidos nos distúrbios. Os psicanalistas poderiam procurar manter a atitude de Freud de *estimular o pensamento e derrubar preconceitos*, tanto dentro de sua atividade particular como na amplidão da comunidade científica e da opinião pública.

Para os que tomam o exercício de sua atividade profissional também como um desafio intelectual e ético, fica mais fácil conviver com os proveitos e contragostos que possam obter da tentativa de diálogo com a biologia e as neurociências – esta nova *estrela* que protagoniza o papel de *pitonisa onisciente* no cenário contemporâneo da cultura globalizada.

Durante o já passado século XX a psicanálise revolucionou o entendimento da vida mental. Instituiu novas visões a respeito dos processos psíquicos, do determinismo psíquico, da sexualidade infantil e da motivação incons-

ciente dos comportamentos humanos. A psicanálise, como conhecimento e prática, para reassumir seu poder intelectual e sua influência, nestes tempos atuais, precisará se engajar nas trocas com outras disciplinas e tornar compatíveis seus conhecimentos, a partir da adoção de referências compartilháveis? Essa atitude não conduzirá ao *borramento* de seus limites como disciplina? Poderá assim o psicanalista vir a perder a certeza de sua identidade?

A tragédia do conhecimento se instaura, entre a celebração dionisíaca do *poder fazer* e a *construção* apolínea que pretende atingir a clareza do conhecimento por meio da autodisciplina e da racionalidade. Menos trágico é admitir que as indagações que impulsionam o conhecimento comportam em si variações à medida que os horizontes humanos se ampliam, da mesma maneira que os signos mudam de sentido ao longo do tempo e de sua condição de uso.

Bioidéias e Freud: um retorno forçado por novas evidências

Eric Kandell (1999) tornou pública a sua idéia a respeito de como viabilizar o diálogo entre diferentes visões acerca do funcionamento mental com um apelo polêmico, ao anunciar que *o futuro da psicanálise* estaria em um novo enquadre intelectual baseado na biologia. Declarou ser sua intenção apontar um caminho que conduza à *reenergização* da psicanálise e propôs que isso poderá ser alcançado pelos psicanalistas através do desenvolvimento de uma relação mais próxima com a biologia em geral e com as neurociências em particular. Para Kandell, essa relação deve servir a duas metas, uma conceitual e outra experimental. Do ponto de vista experimental, as descobertas biológicas devem poder servir de estímulo para testar idéias específicas a respeito de como a mente trabalha. Do ponto de vista conceitual, as neurociências podem promover nova fundação para a expansão da investigação psicanalítica. Kandell chama a atenção para a importância da coerência entre observação e descrição, com a finalidade de que os *insights* psicanalíticos obtidos nas sessões venham igualmente inspirar outros modos de investigação fora da situação analítica. Seu propósito, no artigo em questão, é descrever pontos de intersecção entre psicanálise e biologia, como também esboçar como tais intersecções podem ser investigadas de maneira frutífera.

A expressão da opinião de uma autoridade como Kandell, ganhador do prêmio Nobel e grande conhecedor de Freud, provocou significativa movimentação na confluência das águas entre as comunidades neurocientífica, psiquiátrica e psicanalítica. Os trabalhos realizados sob essa égide ganharam maior visibilidade e crescente audiência.

O argumento-chave de Kandell é de que o esforço de sinergia entre psicanálise e biologia pode promover o enriquecimento do sentido das respostas que são buscadas para os problemas referentes à memória e ao desejo ou ao determinismo e à livre escolha, por exemplo. Quanto à con-

vergência entre biologia e psicanálise, Kandell explicita como um dos pontos principais a relevância da memória procedural para o desenvolvimento moral precoce e para o entendimento de aspectos transferenciais e de momentos significativos no processo terapêutico. Um segundo ponto de convergência seria a relação entre a característica associativa do condicionamento clássico e o determinismo psíquico. O terceiro se daria entre o condicionamento do medo, uma forma de memória procedural mediada pela amígdala, a ansiedade sinal e síndromes de stress pós-traumático em humanos. Kandell nomeia oito áreas de possível interface entre psicanálise e neurociências, das quais acredita poder surgirem grandes contribuições – a natureza dos processos mentais inconscientes, a natureza da causalidade psicológica, causalidade psicológica e psicopatologia, experiências precoces e predisposição para doença mental, pré-consciente, inconsciente e córtex pré-frontal, orientação sexual, psicoterapia e mudanças estruturais no cérebro, psicofarmacologia em conjunção com psicanálise.

Os avanços nas tecnologias deixaram os neurocientistas em condição de construir modelos do aparelho mental com base em conhecimentos detalhados, levando-os a acreditar que podem obter um modelo mais realista e livre de contradição do que os modelos psicanalíticos da mente humana, derivados de observações clínicas. Em grande parte, esses cientistas voltaram sua atenção para as descobertas de Freud, principalmente as relativas ao processo de funcionamento inconsciente, devido às novas evidências encontradas fora do âmbito psicanalítico tradicional.

V. S. Ramachandran em 1994 (Kaplan-Solms & Solms, 2004, p. 57) relatou um experimento emblemático que veio a servir como evidência do fenômeno descrito por Freud como recalque (*Verdrängung*). Esse neurocientista teve a intenção de confirmar a possibilidade de provocar o desaparecimento de negligência (atitude de ignorar o lado do espaço referente à mão esquerda, inclusive o lado esquerdo do espaço em seu esquema mental) de pacientes com lesão no hemisfério direito do córtex cerebral, quando submetidos à estimulação térmica, pela introdução de água gelada no ouvido esquerdo. Sob o efeito dessa estimulação, os pacientes são capazes de reconhecer suas deficiências, até que o efeito da estimulação cesse. Passado o efeito, a negligência reaparece e o paciente, que foi capaz de admiti-la, quando inquirido, nega a lembrança de parte de suas respostas relativas ao reconhecimento da deficiência. Ramachandran concluiu que a informação sobre a deficiência (ou paralisia) continua sendo depositada no cérebro, ou seja: a negação não impede o armazenamento de memória. Seguindo essa linha de raciocínio, ele supôs que, em algum nível mais profundo, certamente há reconhecimento da deficiência e que o paciente, além de retornar à negação, revisa a memória do fato perturbador de maneira seletiva. Ramachandran declarou considerar notável a implicação teórica desse experimento e anunciou: “O fato de

ter atendido [essa paciente] me convenceu, pela primeira vez, da realidade dos fenômenos de repressão, que formam os alicerces da teoria psicanalítica clássica” (Kaplan-Solms & Solms, 2004, p. 59).

A natureza da memória ocupou um lugar de destaque em Freud desde seus primeiros trabalhos. Ele considerava a afasia um tipo de esquecimento, assinalou haver uma patologia da memória na histeria (*A histérica sofre de reminiscências*) e procurou explicar as bases fisiológicas da memória no *Projeto* (1895/1977). Para Freud, a ação de lembrar vai além dos traços neurais locais (o que agora as neurociências chamam de *potencialização de longo prazo*) e é, essencialmente, algo dinâmico, transformador e reorganizador durante todo o curso da vida humana. Nada é mais central na formação da identidade do indivíduo do que a ação da memória para garantir o sentimento de continuidade de alguém.

Uma visão panorâmica do desenvolvimento histórico das teorizações psicanalíticas revela que Freud sempre procurou pôr suas descobertas em xeque. Essa atitude permitiu, por exemplo, que sua investigação evoluísse da busca das bases neurofisiológicas para a construção da teoria da sedução, igualmente abandonada mais tarde. A teoria da sedução surgiu em virtude de descobertas clínicas, pela consideração de relatos de lembranças de teor sexual, em que a iniciativa era do outro e o sujeito as vivia passivamente e com pavor. Essa teoria foi abandonada, mas a experiência clínica que a motivou conduziu a outra construção teórica mais complexa. Assim se fez presente como noção fundamental da psicanálise a existência de uma *realidade psíquica* – expressão utilizada para assinalar que no sujeito há coerência e resistência comparável à realidade material, essencialmente relacionada aos desejos inconscientes e a fantasias conexas (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 426). No cerne dessa construção teórica está o conceito de recalque – mecanismo cuja descrição serve de protótipo para todas as outras defesas psíquicas mais tarde identificadas.

Contudo, em sua descrição Freud não isola o mecanismo de recalque do objeto sobre o qual sua ação incide. A explanação dos mecanismos (biológicos ou psíquicos) nos informa quanto às causas envolvidas no funcionamento mental ou na etiologia dos distúrbios, mas não é suficiente para explicar a vida mental e o interjogo de motivações que dão sustento à ação de mecanismos como o recalque. A noção de retranscrição (*Nachträglichkeit*) assume relevância por incluir a noção de marcação temporal nos processos de funcionamento psíquico e registro simbólico. Assim, considerando a questão do trauma e da memória, no momento de seu acontecimento o evento ou a cena não é objeto de recalque, mas sim em um segundo tempo, quando há evocação de traços mnésicos que se associam à lembrança e propiciam sua retranscrição. É nessa condição que, para Freud, “oferece-se a única possibilidade de ver uma lembrança produzir um efeito mais

considerável que o incidente” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 471). O que justifica a identificação do mecanismo de recalque (repressão) e qualifica o funcionamento psíquico como dinâmico é a percepção de fenômenos psíquicos resultantes da pressão decorrente de um interjogo de forças – de origem pulsional – e a existência de conflitos. Seria bom lembrar que, nos escritos de Freud, dinâmico é sobretudo o Inconsciente, que exige uma força contrária permanente para que seu acesso à consciência esteja interdito.

Já há algumas décadas a visão construtivista e dinâmica do cérebro tomou conta das neurociências, baseada na consideração de que, mesmo em níveis mais elementares (por exemplo, no preenchimento de um ponto cego ou escotoma, ou na ocorrência de uma ilusão visual), o cérebro constrói uma hipótese ou mostra uma cena plausível. Edelman (1992) criou um modelo neurobiológico da mente usando dados concretos da neuroanatomia, da neurofisiologia e da embriologia, sob orientação da biologia evolucionista e de trabalhos clínicos, experimentais e de modelagem neural sintética. Nesse modelo, a função central do cérebro é a de construir categorias – primeiro perceptual e depois conceitual – escalonado, em um processo ascendente, de maneira que a consciência é alcançada através de repetidas *recategorizações* em níveis cada vez mais elevados. Assim, cada percepção pode ser considerada uma criação, e cada memória, uma recategorização, uma recriação. Segundo o modelo de Edelman, as categorias dependem dos valores do organismo, seus vieses ou disposições próprias, aprendidas ou inatas – algo muito semelhante ao que Freud considerou sob as idéias de instinto, afeto e pulsão. Nesse ponto, a aproximação entre o modelo neurobiológico de Edelman e a psicanálise de Freud impressiona a muitos, conferindo valor de evidência à convergência entre as duas maneiras de entender o funcionamento da memória e a construção da identidade humana. A grande afinidade entre os conceitos de *recategorização* e *retranscrição*, que se referem à memória e ao funcionamento mental, faz pensar na possibilidade de articulação entre dois modos de ver o mundo, o simbólico, da *significação humana* e o científico das *ciências naturais*.

Há também, na área de convergência entre neurociência e psicanálise, tópicos que atçam a imaginação – mais pela virtude de suas *excitantes possibilidades* do que por sua aplicação direta à prática psicanalítica –, configurando não uma mudança no entendimento, mas uma mudança de ênfase, o que pode nos ajudar a conferir valor a aspectos que antes não nos pareciam importantes.

Recentes desenvolvimentos em ciências cognitivas enfatizam o papel do corpo em movimento e do sistema sensorio-motor na constituição do modo como nossa mente representa a realidade, pela constituição de nosso esquema cognitivo. A pesquisa neurofisiológica sobre *neurônios-espelhos* está sendo usada como modelo para o entendimento dos mecanismos psíquicos intrínsecos ao

desempenho imitativo/empático, no que diz respeito a movimento e interação social. Os *neurônios-espelhos* têm sido relacionados à capacidade de identificar a intenção do outro e são empregados como modelo para a investigação de como uma função cerebral pode afetar o processamento de informações na aquisição e no desempenho de habilidades interativas. Presume-se que comportamentos complexos – como o desempenho emocional e a linguagem – possam depender de um processo de estimulação similar à imitação, em que a observação dos estados afetivo, sensorial e motor nos outros ativa as representações correspondentes no observador (Sacks, 1996; Ramachandran, 2000).

Alguns neuropsicanalistas e psicanalistas têm utilizado esse conjunto de referências para instituir um enquadre exploratório para a intersubjetividade, enfatizando o possível papel dos *neurônios-espelhos* na constituição das relações de identificação e contra-identificação projetivas. A hipótese é interessante ao instituir um tópico específico para trocas multidisciplinares. O modelo proporcionado pelo estudo dos *neurônios-espelhos* serve para ampliar as explicações acerca dos processos envolvidos no comportamento de autistas e não-autistas, relativos ao reconhecimento da intenção, da carga emocional ou do significado social das ações desempenhadas por outro indivíduo (Gallese, 2006; Olds, 2006).

Alguns anos atrás, sob o efeito do encantamento da visão de haver então espaço reconhecido para a possibilidade de pesquisa na área de convergência entre neurociências e psicanálise, fui levada a devaneios conjecturais... Existiriam cenários propícios às falhas na regulação do funcionamento psíquico, de fonte endopsíquica ou endorgânica, mantidos pelo ambiente? E, nessas condições, por necessidade defensiva, mecanismos de dissociação – como *splittings* massivos – poderiam estar hiperativados? Se empregados de maneira exacerbada, em período precoce ou em momento de crise, na tentativa de conseguir compensação diante de uma percepção perturbadora da realidade, poderiam conduzir à interrupção forçada – um curto-circuito – dos processos que servem de fundamento à elaboração psíquica ou ao processo de pensamento? Como entender melhor o funcionamento da *barreira de contato*, a rigidez ou a flexibilidade do sistema Consciente/Pré-Consciente/Inconsciente e as conseqüências sobre o indivíduo? Que possibilidades terapêuticas intuir com base nos entendimentos alcançados?

A paixão pelos pontos de interrogação me levou a desenvolver um trabalho que procura elucidar os cenários de adoecimento precoce, com a intenção de melhor conhecer e compreender as implicações, tanto das metáforas do biológico e do infantil como do alcance dos modelos descritivos de funcionamento mental que servem de base para boa parte das teorizações e recomendações técnicas na psicanálise. Procuo fazer uma incursão específica no estudo dos estados depressivos primários, partindo da observação

de bebês que sofrem privação materna e de suas mães (mães-bebês que receberam cuidados em UTI), para tentar estabelecer relações entre mecanismos precoces de defesa de base biológica, como é a *retração sustentada* (Engel, 1962; Guedeney, 1997) e a posterior manutenção em adultos de, por exemplo, um *desligamento radical* (Aisenstein, 2006), onde acontece o desenvolvimento de “pensamento operatório”, ou de *vida operatória*, característico da “depressão essencial” (Marty, 1968).

No curso de meus estudos e de minha prática clínica, acabei por voltar atenção especial à questão do discurso não verbal e ao papel do silêncio durante as sessões psicanalíticas, ao perceber a importância de investigar as angústias arcaicas ainda não representadas, não expressas nas formulações verbais, mas presentes nos registros procedurais de memória. Seria oportuno assinalar que esse estudo está relacionado à discussão do problema da dualidade corpo-mente, que, na teorização freudiana, está condensada na formulação do conceito de pulsão e de suas vicissitudes. Além de questões teóricas, se fazem presentes implicações técnicas que dizem respeito ao modo de interação entre paciente e analista.

Ainda com o desejo de ampliar meu entendimento acerca *do-que-se-passa-e-do-como-se-passa* na vivência de meus pacientes, procuro alcançar a melhora de minha capacidade de investigação e de meu instrumento de investigação – a ação interpretativa conduzida sob o método de escuta psicanalítica.

Fazer-pensar psicanálise e movimento de mundo...

A ciência da mente (psique) e a ciência do corpo (soma) fazem uso de diferentes linguagens, diferentes conceitos – com níveis de abstração e complexidade especializados –, gerando conjuntos distintos de técnicas e ferramentas. O estudo simultâneo e paralelo dos aspectos fisiológicos e psicológicos (por exemplo, de pacientes em estado de stress pós-traumático, ou de pacientes com alterações em seu esquema corporal e com perturbação na orientação espacial, ou, ainda, pacientes com lesões cerebrais que apresentem negligência), por necessidade lógica, deveria produzir dois conjuntos separados e distintos de dados descritivos, com suas respectivas medidas objetivas, avaliações subjetivas e pressupostos teóricos.

Não seria admissível unificar os diferentes princípios e usos da linguagem por transposição direta sem esperar distorção dos problemas, ainda que a intenção fosse elevada – como a de criar um enquadre conceitual integrado. Não existem conceitos de ligação que sejam intermediários isomórficos e de completa isonomia em ambos os campos – apenas a esperança de tal possibilidade, o vislumbre da realização desse desejo e a disposição de trabalhar nessa direção.

Temos que considerar também que em todos os propósitos práticos até agora lidamos com o psíquico e o somático como domínios separados, embora a vivência

ocorra de maneira integrada (psicossomática). Quando se reconhece a ocorrência dos fatos fisiológicos e psíquicos como co-variantes, pela constatação demonstrativa da coincidência de eventos em ocorrência simultânea nos dois domínios, então o antigo ditado adquire sentido revigorado. Agora vale lembrar o aforismo clássico: “O sofrimento – assim como a existência – nunca deixa de ser psicossomático, a terapêutica é que se diferencia em psíquica e somática”.

Embora a psicanálise possa fazer uso de paradigmas científicos e de princípios biológicos para o exame da realidade e para a construção de teorias, é importante ressaltar que os pressupostos que orientam sua prática e distinguem sua técnica são de outro cunho. A técnica idealizada por Freud não é o que hoje se entende por técnica ou tecnologia – prática baseada na idéia de habilidade funcional pragmática, que corresponde ao modelo mecanicista.

Vassalli (2001), ao propor pensar que a psicanálise surgiu do espírito da técnica, adverte que o exame das similaridades e dos pontos de articulação da psicanálise com os paradigmas científicos deve servir para levar os psicanalistas a refletir sobre sua área de interesse e a se libertar de amarras epistemológicas e tradições filosóficas a que podem estar submetidos. Além disso, é interessante saber que *techne* (*ars*), como noção aristotélica, é o nome de uma atitude especializada (*poiesis*) – que cumpre seu propósito na produção de um determinado trabalho. Quando algo é produzido, o trabalho resultante não é uma coisa que existe por necessidade, que já está dada. Trata-se de uma coisa que somente pode ser entendida à medida que emerge, algo que é um processo de tornar-se (*esomen*).

No ambiente teórico e prático da psicanálise, nem sempre forma e conteúdo estão em perfeita correspondência. Muitas vezes o apelo ao raciocínio analógico serve de atalho para a expressão do que se pretende mostrar, ou de desvio ao que se pretende estabelecer como pensamento. A metáfora e a *metaforização* são, no entanto, amplamente consentidas e aceitas. Mas a metáfora é como uma *imagem construída* da coisa, e não uma apresentação perfeita da coisa como ela é.

André Green (1990), ao pensar a epistemologia da prática psicanalítica, salienta que uma linguagem que espelhasse a realidade seria como uma linguagem *crua*, de interesse limitado – pois, para o pensamento, o elemento essencial da obtenção de sentido é a *escolha* do signo. Na opinião de Green, o abandono dos critérios de *validação* e *verdade científica* amplia o horizonte psicanalítico e, sob essa perspectiva, ele considera central ao funcionamento do aparelho psíquico *ser criador de seu sentido e de novidade*, um funcionamento que se caracteriza pela *auto-poiesis*.

Green aponta que a substituição do foco da *busca de um padrão* pelo entendimento da *mudança psíquica* é proveniente do princípio da incerteza psicanalítica. A partir desse princípio, a questão que o autor nos apresenta é a

seguinte: se quando nos deparamos com um sujeito em análise, as referências que fazemos à *realidade de sua concepção de realidade* se apóiam em um modo de *conhecimento primitivo* e não racional, que relação tem esse *conhecimento primitivo da realidade* com o fato de que pretendemos construir *modelos científicos* que nos informem acerca do funcionamento da realidade?

Este problema reacende a questão da relação Consciente *versus* Inconsciente e a constatação da implicação da existência de duas modalidades de registro (Freud, 1915/1974). O questionamento a respeito da forma com que tais modalidades de registro se conectam parece ser o problema verdadeiramente permanente na psicanálise, ou seja, o problema da articulação entre dois códigos de um mesmo sujeito (ou entre dois sujeitos) ou da articulação entre realidade psíquica e realidade externa.

Green (1990) aponta que é necessário determinar os modos de articulação dos diferentes níveis de entendimento e estabelece em sua análise três importantes discriminações: do ponto de vista da teoria da informação, trata-se de um problema de *criação de significado*; do ponto de vista do determinismo, de um problema de *emergência do novo*; do ponto de vista da objetividade, refere-se à *existência de objetos objetivos e de um observador*. Mas, sobretudo, a propósito desses três níveis de entendimento, Green assinala que a passagem de um a outro consiste em uma *transformação* daquilo que é *distinção e separação* em um nível elementar à *unificação e à reunião* em um nível mais elevado.

Levando em conta essas considerações, podemos entender as construções teóricas e os relatos clínicos em psicanálise como *sistemas de significação* através dos quais obtemos o sentido dos acontecimentos. Na escuta psicanalítica, o sentido e a forma buscados não estão nos acontecimentos, e sim na transformação dos acontecimentos passados, *retranscritos* em fatos psíquicos, presentes na mente do sujeito e em sua interação com o analista – aquilo que denominamos *transferência*.

Reconhecer a função de produção de sentido do fazer-pensar psicanálise nos permite ver que a impossibilidade de um corpo teórico unificado, de teor explicativo, é inerente à própria natureza de mundo (psíquico) que a psicanálise pretende descrever. A disparidade e a multiplicidade de visões são paradoxos inerentes tanto do funcionamento do psiquismo humano como da observação psicanalítica e de sua teorização.

Penso que a certeza ou a validação não dominam o panorama psicanalítico, e nunca dominarão. Sua natureza e sua condição de existência parecem ser determinadas por indagações que criam movimento e mudanças de plano. Nesse sentido, o fazer-pensar psicanálise é conflituoso, já que a natureza de sua motivação o leva sempre para longe da satisfação plena de seu desejo inicial de encontrar a *verdade* do mundo psíquico, tendo que se contentar com a *convicção* da verdade advinda da vivência psíquica. A realidade

psíquica humana parece ser como o *horizonte – sempre ao alcance dos olhos, nunca acessível à verdade de nosso toque*.

Afinal...

*Quem pensa o que há de mais profundo,
Ama o que há de mais vivente* (Friedrich Holderlin).

Referências

- Aisenstein, M. (2006). The indissociable unity of psyche and soma. *International Journal of Psychoanalysis*, 87, 667-80.
- Edelman, G. M. (1992). *Bright air, brilliant fire: On the matter of the mind*. New York: Basic Books.
- Engel, G. L. (1962). Anxiety and repression withdrawal: The primary affects of unpleasure. *International Journal of Psychoanalysis*, 43,(2/3), 89-97.
- Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 381-517). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho publicado em 1895).
- Freud, S. (1974). *O inconsciente*. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 185-245). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho publicado em 1915).
- Freud, S. (1976). Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschauung*. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 193-220). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).
- Gallese, V. (2006). Mirror neurons and intentional attunement: Commentary on Olds. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 54(1), 47-57.
- Green, A. (1990). Penser l'epistemologie de la pratique. *Revue Française de Psychanalyse*, 6, 1532-1543.
- Guedeney, A. (1997). From early withdrawal reaction to infant depression: A baby alone does exist. *Infant Mental Health Journal*, 18(4), 339-349.
- Haller, R. (1990). *Wittgenstein e a filosofia austriaca: Questões* (N. de A. e Silva Neto, trad.). São Paulo: Edusp.
- Kandell, E (1999). Biology and the future of psychoanalysis: A new intellectual framework for psychiatry revisited. *American Journal of Psychiatry*, 156, 505-524.
- Kaplan-Solms, K. & Solms, M. (2004). *O que é a neuro-psicanálise: A real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise* (E. N. do Vale, trad.). São Paulo: Terceira Margem.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marty, P. (1968). La dépression essentielle. *Revue Française de Psychanalyse*, 32(3), 595-598.
- Olds, D. (2006). Identification: Psychoanalytic and biological perspectives. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 54(1), 17-46.
- Ramachandran, V. S. (2000). Mirror neurons and imitation learning as the driving force behind "the great leap forward" in human evolution. *Edge*, 69. (Recuperado em 4 out. 2006: http://www.edge.org/3rd_culture/ramachandran/ramachandran_p1.html).

Sacks, O. (1996). First person account. In O. Sacks, *An anthropologist on mars*. New York: Vintage.

Vassalli, G. (2001). The birth of psychoanalysis from the spirit of technique. *International Journal of Psychoanalysis*, 82, 3-25.

Resumo

Neste artigo procuro apresentar algumas das articulações entre princípios biológicos e conceitos psicanalíticos, assinalando problemas epistemológicos. Aponto que a criação de tópicos comuns a campos de conhecimento distintos não é suficiente para assegurar a transposição direta dos conceitos, alertando para a possibilidade de ocorrer uma distorção dos problemas. Destaco a necessidade de permanente pensamento crítico acerca da assimilação dos conhecimentos provenientes das neurociências e acerca do impacto das novas tecnologias no imaginário científico. Apresento uma breve reflexão sobre o fazer-pensar psicanalítico, alimentada pelas questões levantadas.

Palavras-chave

Biologia. Memória. Psicanálise. Retranscrição (*Nachträglichkeit*). Visão de mundo (*Weltanschauung*).

Summary

Bio-technology, bio-ideas and psychoanalysis make-think

In this paper I try to introduce some connections between biological principles and psychoanalytical concepts, stressing epistemological issues. I point out that the creation of common topics between distinct fields is not sufficient to assure the direct transposition of concepts without distortion of the problems. The need of permanent critical thinking is stressed concerning the assimilation of neurosciences knowledge and the impact of new technologies on the scientific imaginary. A brief reflection on the psychoanalytical make-think is fed by the aroused questions.

Key-words

Biology. Memory. Psychoanalysis. Re-transcription (*Nachträglichkeit*). View of world (*Weltanschauung*).

Valeria Gimenes Loureiro
Rua Senador César Lacerda de Vergueiro, 338
– Vila Madalena
05435-010 – São Paulo
Tel.: 11 3032-9973
valerialoureiro@hotmail.com